

O reino dos malandros

JOSÉ NÊUMANNE

11 DEZ 1993 JORNAL DA TARDE

A cínica mistura de ficção com realidade atingiu um momento impressionante no Brasil contemporâneo, cuja sociedade tornou-se capaz de assistir, sem nenhum espanto, ao pronunciamento público de um traficante de drogas, conhecido como Marcelo Xará, quase em cadeia nacional de rádio e televisão.

O traficante reuniu um grupo de advogados e convocou os meios de comunicação para informar à Nação não ser responsável pelo sequestro dos meninos Crystobal e Lancelot, filhos do executivo francês Daniel Jean Jacques Henner. "Meu negócio é tráfico. Esse negócio de seqüestrar crianças não é comigo", disse o protagonista, com um carregado sotaque carioca e o rosto coberto.

O turista que desembarcasse no Brasil naquele momento poderia ter a impressão de estar vendo um filme policial ou mais uma cena de uma palpitante telenovela sobre as extensões cariocas do Cartel de Medellín. Mas a cena estava sendo reproduzida em todos os telejornais e seria impressa, no dia seguinte, nas páginas dos jornais mais importantes do País.

Marcelo Xará, ou seja quem for que se tenha apresentado sob tal nome e debaixo de tal disfarce, é beneficiário de um momento particular da vida nacional, momento em que prevalecem dois sentimentos opostos, mas aliados no comando do ariscado clima reinante no Brasil. De um lado, há o ressentimento dos marginalizados ao processo de produção, excluídos da grande farra da Comissão do Orçamento e da dolarização de uma economia excessivamente inflacionada. De outro, a covardia



NO BRASIL, MUITO DO QUE SE PASSA CONSEGUE FICAR ALÉM DOS LIMITES DO PROVÁVEL.

dos que preferem não perceber isso, partindo do pressuposto equivocado de que nada têm a ver com toda essa confusão.

Dostoevsky escreveu que, se Deus não existe, tudo é permitido. É o caso de algum ateu duvidar: "Se Deus existe, Ele não poderia permitir tanto". Pois, no Brasil, muito do que se passa consegue ficar além dos limites do provável. O lugar de Marcelo Xará é uma cela numa cadeia qualquer, não um posto privilegiado defronte às câmeras de televisão, em rede nacional. Ninguém, contudo, ousou sequer protestar.

De um lado, os ressentidos concordam com o traficante-astro de TV. Afinal, eles são excluídos dos benefícios representados pelos empregados estatais com direito a tudo e sem obrigação de nada e, também, não conseguem produzir nem consumir,

sicando, portanto, fora do mercado. Atingidos em cheio pela inflação, ainda são obrigados a ver o dinheiro público, escasso, ser distribuído, com generosidade pantagruélica, entre os sócios do clube privado do Congresso Nacional.

Os covardes que, como quadro de Cristo em prostíbulo, a tudo assistem e nada falam, estes, sim, podem ser responsabilizados por tudo o que ocorre de mal na vida política e econômica do País. Presas do conforto do poder, os membros do governo se comportam como se o traficante tivesse dado sua provocativa entrevista coletiva em algum campo de refugiados, na Palestina. Instalados nas tribunas do Parlamento, os bravos soldados da oposição civil ouvem com regozijo as palavras do traficante, pois elas maldizem o governo que eles combatem. Sentados às mesas de corte ou em frente aos terminais de computadores das redações, os responsáveis pelo noticiário reproduzem o cinismo do bandido como se suas frases fossem o sal da Terra.

Alguém precisa contar ao senador José Paulo Bisol, de repente investido no papel de oráculo nacional, que, no reino dos malandros, o verdadeiro poder paralelo é o de Marcelo Xará, que, em nome dos ressentimentos e com a cumplicidade dos covardes, tem à disposição os ouvidos da Nação.